

Redes sociais e a imigração siciliana em Porto Alegre no pós-guerra (1945-1970).

Leonardo de Oliveira Conedera¹

Resumo

O presente artigo visa apresentar o contexto no qual se inseriram os imigrantes os sicilianos no período do pós-guerra (1945-1970) em Porto Alegre. Centrar-se-á na importância das redes sociais constituídas que viabilizaram a imigração de insulares para a capital gaúcha. Pretende-se contextualizar realidade dos imigrantes vindos no pós-guerra; designar as suas províncias e suas cidades de origem; destacar a importância das redes sociais constituídas pelos emigrados e exercitar a reflexão teórica, em especial nos campos da História Oral e da imigração. Através da metodologia de História Oral visa-se o estudo de três casos que demonstram a ação efetiva das redes sociais na capital gaúcha.

palavras-chave: Imigração siciliana, Rede Sociais, História Oral.

Na interface da pesquisa que se desenvolve sobre a imigração siciliana, emerge como questão preponderante a influência das redes sociais, para que estes venham a imigrar para Porto Alegre. No presente texto analisam-se três depoimentos de imigrantes insulares que residem na capital gaúcha. Os três partiram da Itália no período do pós-guerra (1945-1970) buscando novos horizontes para recomeçar. Assim, as análises dos seus relatos demonstram a importância das redes sociais estabelecidas, como elemento fundamental para a vinda e a escolha de Porto Alegre como o novo destino.

Neste artigo, em primeiro lugar contextualizar-se-á a situação da Itália, especialmente a realidade da Sicília, após o término da Segunda Guerra Mundial; posteriormente, como se desenvolveu o novo êxodo que ocorrera na Península; e em terceiro lugar como as redes sociais atuaram para a imigração deste período (1945-1970) em Porto Alegre.

¹ Mestrando de História da PUCRS.

O conflito

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi a pior herança deixada pelo regime fascista para a Itália. O início do conflito bélico trouxe profundas dificuldades para todo o continente europeu. A Sicília, por exemplo, enfrentou enormes adversidades, assim como os demais estados italianos. (FINLEY, SMITH, DUGGAN, 2009, p.3).

A fome assolou a ilha, no princípio década de 1940, devido à suspensão das práticas comerciais em decorrência do conflito. As insatisfações dos sicilianos com a administração fascista cresceram neste período, dado os problemas gerados pelos confrontos entre os exércitos do Eixo e dos Aliados (Palermo e Catania foram as cidades mais castigadas), a falta de auxílio do governo federal à população, a “reabilitação” da máfia, entre outras circunstâncias. (Ibid.).

A Sicília foi a “porta de entrada” dos Aliados no combate as tropas de Hitler. Os Aliados, a partir de sua ocupação em 1943, trouxeram os alimentos que haviam desaparecido da sociedade insular desde o início da guerra. Em 1944, a ilha já se encontrava sobre o “controle” do governo italiano. (Ibid.).

Com o fim do combate, a sociedade siciliana foi tomada por novas instabilidades com o nascimento do MIS (Movimento pela independência da Sicília), que visava a separação da Itália, o “ressurgimento” da máfia, as disputas entre políticos socialistas e comunistas contra os partidários da democracia cristiana entre outros infortúnios. (MANGIAMELI, 2003, p.)

A península itálica terminada a guerra encontrava-se arrasada. O território desprovido de infra-estrutura industrial e urbana, pois encontrava-se, literalmente, em um estado de campo de batalha. Diversas cidades estavam cobertas de escombros em virtudes dos bombardeios e das batalhas transcorridas. O país passava por enormes dificuldades em termos econômicos e sociais (BERTONHA, 2005, p.134).

A imigração no pós-guerra (1945-1970)

O contexto adverso do pós-guerra impulsionou de maneira maciça novos fluxos imigratórios na Itália. Giovanni Raffaele (2003, p.127) destaca que:

a política econômica do governo pós-guerra caracterizou-se pela necessidade de balancear e de recuperar os capitais para a reconstrução que resultou na criação de uma massa enorme de desempregados (4 milhões foram os emigrados meridionais entre 1946 e 1976).

O êxodo de italianos, no período de 1945 a 1971, alcançou o número de 7 milhões de expatriados (GOLINI E AMATO, 2002, p.53). Assim, configurando-se no segundo momento de maior imigração, inferior apenas ao período do final do oitocentos e os primeiros anos do novecentos.

No entanto, a nova fase de fluxos migratórios revelou especificidades interessantes que não residem somente em relação às escalas numéricas. O novo panorama deflagrou o aparecimento de novos destinos, como a Austrália e Canadá, escolhidos pelos emigrados, a predominância do êxodo pelos peninsulares do *mezzogiorno*² em detrimento dos setentrionais, uma migração mais direcionada para o âmbito interno (sulistas deslocando-se para o norte industrializado) e um fluxo maior de expatriados dirigindo-se para outros países da Europa, especialmente, França, Suíça e Bélgica (MARTELLINI, 2002, p.370).

Nessa nova etapa, os destinos transoceânicos para América continuaram. Os países que mais receberam italianos foram, respectivamente, Argentina, Estados Unidos, Canadá, Venezuela e Brasil. Outra característica interessante foi o elevado número de familiares que cruzaram o Atlântico para encontrar os trabalhadores emigrados, anteriormente, à Segunda Guerra Mundial.

² *Mezzogiorno*- refere-se a parte meridional da Itália.

O período também promoveu a partida de expatriados com qualificação. Um número significativo possuía formação técnica especializada ou ensino superior (engenheiros). A Venezuela foi um dos países que absorveu grande parte desta mão-de-obra qualificada. A descoberta de petróleo, nos anos 50, fomentou a necessidade deste tipo de imigrantes especializados. Além disso, a expansão das multinacionais, no cenário global também propiciou este fluxo de saída. Diversas Companhias italianas como a FIAT, a Olivetti, a Dalmatine, a Snia entre outras que buscavam novos mercados com a expansão de fronteiras proporcionaram o deslocamento de profissionais italianos (Ibid., p.377-378).

Nos anos do pós-guerra, a imigração para muitos meridionais representava um canal alternativo para a sua mobilidade social. A socióloga italiana, Fortunata Piselli, (1981, p.87) destaca que “a partir da emigração, de fato, começava a nascer à nova classe média, a classe dos novos ricos”. Então, vários imigrantes partiam de seus *paesi*, a fim de acumular capitais para depois retornar, e se estabelecendo em melhor condição social.

A preferência dos emigrados por Argentina, Estados Unidos e Brasil prosseguiu em consequência de uma série de fatores (acordos internacionais, mercados promissores para o trabalho entre outras motivações) que corroboraram para esta escolha, mas grande parte dos imigrantes vieram devido as redes sociais construídas, anteriormente, já que no final do século XIX e no princípio do XX, foram os países que mais receberam peninsulares. O depoimento do imigrante, Vincenzo Figlino, que imigrou para a cidade de Niterói em 1948 (GOMES, 1999, p.78-79), comenta que:

não sabia bem para onde deveria ir. Tinha que abrir meu caminho e podia ser no Brasil, na Argentina, na Venezuela, ou em outro país qualquer. Eu optei pelo Brasil justamente por causa das conversas que sempre tive com meu avô. Ele me contava tantas histórias daqui [Brasil] Agora, depois de tantos anos eu não me lembro... mas quando falei com meu pai que vinha para o Brasil, ele me disse uma frase que nunca mais esqueci na vida: “Filho você vai para uma terra santa. A bíblia está errada, a história sagrada está errada. Deus não nasceu na Palestina, nasceu no Brasil; aquela é uma terra santa.”

A afirmação do depoente reflete o quanto a referência positiva de seus familiares, pai e avô, foi determinante para sua escolha no momento de partir de seu *paese*³ para outro país.

A vinda dos imigrantes para o Brasil deveu-se a abolição das normas restritivas em matéria de imigração, decretadas em 1934, que perduraram por um curto espaço de tempo, pois já, em 1948, instaurou-se a liberdade imigratória total (TRENTO, 1989, p.408).

Os italianos, que chegaram ao Brasil, precisaram para deixar seu país apresentar um contrato de trabalho já assinado ou um “ato de Chamada” que era revisado nos consulados, pelo qual os parentes residentes no país se comprometiam de assistir em qualquer circunstância o emigrado nos primeiros tempos (Ibid. p.410).

Na década de 1950, estabeleceu-se entre os dois Estados um acordo emigratório, que visava três modalidades de emigração: individual (baseada em atos de chamada e ofertas de trabalho), através de grupos e cooperativas (sobretudo de colonização agrícola) e “dirigida”. O tratado firmado previa que o Brasil forneceria regularmente pedidos de mão-de-obra, dividido por profissão. (Ibid. p.412).

As autoridades brasileiras responsabilizavam-se pela seleção dos candidatos. As despesas de transporte, manutenção dos candidatos, em território italiano ficavam sobre a responsabilidade das autoridades da península. Enquanto, o Brasil responsabilizava pela passagem marítima e a manutenção do emigrante até a sua colocação (Ibid.).

O CIME (Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias) foi também primordial ator nesse momento dos deslocamentos. Este comitê encarregou-se de todo tipo de emigração, como planos de assistência, da pré-seleção, dos profissionais do país e assegurando o transporte da mão-de-obra. O emigrado deveria desembolsar, inicialmente, o custo da passagem, mas depois da metade dos anos 50 este precisara apenas pagar uma pequena quantia. Angelo Trento (1989, p.414) ainda aponta que:

³ *Paese*- refere-se a pequena cidade.

o CIME elaborou para desde o início três planos para o Brasil: trabalhadores para a indústria e para a agricultura, transferência de coletividades, preferivelmente para a criação de colônias agrícolas, e reuniões de núcleos familiares. Essa última iniciativa foi feita em suas intenções, não só motivações de caráter humano e social, mas também econômicas, já que os parentes estavam muitas vezes em idade de trabalhar. Das três foi ela que teve, provavelmente, o maior êxito.

O fenômeno migratório depois da Segunda Guerra Mundial, então, favoreceu a ativação das redes sociais, pois considerável parcela de peninsulares para ingressar, no Brasil, necessitavam que seus parentes ou amigos já instalados, no país, realizassem atos de chamado que viabilizassem o ingresso.

Sicilianos e as redes sociais

A imigração de sicilianos em Porto Alegre, como a de outros meridionais, não teve início nos anos do pós-guerra. Esta imigração teve seu princípio no final do século XIX e início do XX. Dentre os anos de 1872 a 1920 pode-se citar os seguintes sobrenomes que evidenciam origem siciliana: Provenzano, Mancuso, Ciulla, Arisio, Miceli, Lo Pumo, La Delfa, Isaia, Reina, Grasso, Viccare, Di Blasi, Pappalardo, Difini, Faro, Lapis, Camaratta, La Porta, Fortes, Castrogiovanni, Cangeri, entre outros (CONEDERA, 2009, p.68).

Os primeiros sicilianos, como outros oriundos do *mezzogiorno*, praticaram uma imigração espontânea. Vieram motivados pelas oportunidades que o continente americano poderia oferecer.

A maioria dos insulares que ingressaram na capital do estado veio da província de Enna, sendo possível identificar imigrantes provenientes das localidades de Assoro, Agira e, principalmente, de Leonforte. Da região de Agrigento registram-se indivíduos de Cattolica Eraclea e de Sciacca. Aqueles partidos de Catania eram oriundos dos municípios de Adrano, Raddusa e de Catania, onde estava a capital da província.

Os meridionais insulares, como os expatriados da Calábria pesquisados por Constantino emigraram, em sua maioria, de um município em especial. No caso

calabrês destacaram-se os naturais de Morano Calabro (CONSTANTINO, 1990, p.), enquanto que, no caso siciliano, salientaram-se os de Leonforte. Dos sobrenomes sicilianos averiguados, mais de 60% das famílias e indivíduos eram de Leonforte.

Nos anos do pós-guerra, os sicilianos continuaram chegando e se estabelecendo em Porto Alegre, muitos vieram devido às redes sociais existentes. A antropóloga Larissa Adler Lomnitz (2009, p.18) define que:

uma rede social é um campo de relações entre indivíduos que pode ser definido por uma variável predeterminada e se referir a qualquer aspecto de uma relação. Uma rede social não é um grupo bem-definido e limitado, senão uma abstração que se usa para facilitar a descrição de um conjunto de relações em um espaço social dado. Cada pessoa é o centro de uma rede de solidariedade e, ao mesmo tempo, é parte de outras redes.

Busca-se através dos depoimentos de Maria Scavuzzo, Paolo Lapis e Carmela Faro analisar a imigração de insulares, a partir dos anos 50, para a cidade de Porto Alegre. Constantino (2006, p.65) lembra que “a imigração é um fenômeno de massas, mas é também e, em primeiro lugar, um deslocamento de diferentes pessoas em diferentes tempos e espaços, qualificados em muitos sentidos, isto é, social, econômica, política e culturalmente”.

A senhora Maria Scavuzzo nasceu em 1933, na cidade de Adrano (província de Catania), emigrou em 1950. A motivação de sua vinda para o Brasil deveu-se as dificuldades que sua família enfrentou após o final da Segunda Guerra Mundial. A capital do Rio Grande do Sul foi o destino, porque o patriarca da família recebeu carta de chamada de um velho amigo, há muito emigrado, que lhe ofereceu emprego em sua fábrica de massas alimentícias em Porto Alegre. Giuseppe Scavuzzo viajou com o filho Pedro e, quando conseguiu organizar a situação para receber a família, mandou vir a esposa e os três filhos que haviam permanecido no *paese*⁴.

O senhor Paolo Lapis nasceu em 1930, na cidade de Leonforte (província de Enna), emigrou em 1954. Sua partida fora motivada como uma viagem turística. Paolo havia parentes residentes na cidade (Família Fortes) que emigraram ainda antes do

⁴ Depoimento de Maria Scavuzzo. Porto Alegre. Novembro de 2003.

primeiro conflito mundial. Seu primo, Salvador Fortes, visitando os familiares no final da década de 40 do século passado, o convidou para ir ao Brasil visitá-lo. Em 1954, chega a Porto Alegre para visitar seus parentes e acaba decidindo residir na nova cidade⁵.

A senhora Carmela Faro nasceu em 1941, na cidade de Casteglione di Sicilia (província de Catania), emigrou em 1957. A família Faro da mesma forma que a Scavuzzo passou as mesmas adversidades. A partir da visita de seu tio, Salvatore Currenti, irmão de sua mãe, que trouxe seu irmão mais velho para trabalhar com ele em sua oficina em Porto Alegre. Posteriormente, além de Maria a maioria da família Faro emigrou, exceto uma irmã que permaneceu porque estava casada⁶.

O pesquisador, Carlo Ginzburg, (2007, p.178-179) afirma que “a realidade é opaca, mas existem certos pontos privilegiados – indícios, sintomas – que nos permite decifrá-la.” A narrativa dos emigrados é impregnada, como outras fontes históricas, de sinais e pequenos indícios que podem assinalar fenômenos sociais mais amplos e complexos.

Os três imigrantes emigraram para a capital gaúcha pelo fato de haver um ou mais conterrâneos estabelecidos em Porto Alegre. Isto é, a existência de familiares ou amigos configurou a formação de uma rede social entre estes italianos, e assim viabilizou a vinda dos imigrantes e de suas famílias.

O motor das emigrações muitas vezes é motivado pela própria emigração. O pesquisador, Franco Ramella (2002, p.143), frisa que “a ativação por parte dos indivíduos e das famílias com elos mais ou menos selecionados pelas redes sociais que são a parte reguladora do movimento, o organiza, o canaliza para certas direções e não a outras”.

Além disso, as redes sociais são alicerçadas pelas relações de solidariedade e confiança. Normalmente, a família é a base da rede de solidariedade, visto que ela representa o grupo social do indivíduo (LOMNITZ, 2009, p.20).

⁵ Depoimento de Paolo Lápís. Porto Alegre. Novembro de 2008.

⁶ Depoimento de Carmela Faro Zucallà. Porto Alegre. Dezembro de 2009.

A capital gaúcha entre os anos 50 e 60 dispunha de uma atmosfera favorável para os imigrantes que chegavam. A cidade, neste período, acompanhava a situação desenvolvimentista vivida pelo Brasil, com o aparecimento de indústrias (têxtil, metalúrgica, moveleira, do vestuário entre outras) e com a diversidade da atividade econômica, representada pelo aumento da rede comercial através dos grandes estabelecimentos e pelas pequenas lojas atendiam à demanda da população (PROCHNOW, 2009, p.86-87). A senhora Maria e seu irmão, Pedro, são imigrantes que aproveitaram esta curva ascendente no crescimento comercial neste período. Maria trabalhou de costureira na Alfaiataria Adriática, e Pedro de alfaiate na fábrica da Renner⁷.

O cenário em pleno crescimento viabilizou postos de trabalhos para os imigrantes inserirem-se. Outro aspecto relevante é que alguns emigrados trabalhavam com seus próprios parentes. O senhor Paolo Lapis, por exemplo, logo que chegou a Porto Alegre iniciou a trabalhar com seus primos (família Fortes) que possuíam uma ferragem na zona central⁸. Enquanto, Carmela comenta que seus irmãos mais velhos, que se estabeleceram antes na cidade, começaram a trabalhar com o tio que era proprietário de oficina⁹.

No contexto adverso no qual a Itália passava, o Brasil apresentava outra realidade onde o desenvolvimento das indústrias e do comércio geravam uma atmosfera propícia para a inclusão daqueles imigrantes que aportavam no país.

Assim, as trajetórias de imigração realizada por Maria Scavuzzo, Paolo Lapis e Carmela Faro refletem a importância das redes sociais para o seu destino ser o Brasil. O Caminho percorrido por eles também transparece a jornada de outros patrícios da Sicília ou mesmo de outros meridionais, especialmente, Calabreses que desembarcaram em Porto Alegre. As redes imigratórias de sicilianos e de calabreses são fruto dos laços parentais ou/e vínculos de amizade constituídos em sua cidade de origem.

⁷ Depoimento de Maria Scavuzzo. Porto Alegre. Novembro de 2003.

⁸ Depoimento de Paolo Lapis. Porto Alegre. Novembro de 2008.

⁹ Depoimento de Carmela Faro Zucallà. Porto Alegre. Dezembro de 2009.

Referências Bibliográficas:

BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. *Da ilha do Sul para a Capital do Sul: imigrantes sicilianos em Porto Alegre (1875-1920)*. Porto Alegre, 2009. Monografia em História, PUCRS.

CONSTANTINO, Núncia Santoro. *Italianos meridionais em Porto Alegre: estudo para a história social*. In: DE BONI, Luis Alberto. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1990. 2 v. p.472.

_____. *Nas entrelinhas da narrativa: vozes de mulheres imigrantes*. Estudos Ibero-americanos, v.32, n.1, 2006. Porto Alegre.

_____. *Teoria da história e a reabilitação da oralidade: convergência de um processo*. Pesquisa In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A Aventura (Auto)biográfica: fundamentos e metodologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FINLEY, Moses I., SMITH, Denis Mack, DUGGAN, Christopher J.H. *Breve Storia della Sicilia*. Bari: Laterza, 2009.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLINI e AMATO, Antonio e Flavia. *Uno Sguardo a um secolo e mezzo di emigrazione italiana*. In: BEVILACQUA, DE CLEMENTI e FRANZINA, Piero, Andreina e Emilio Org. *Storia dell'emigrazione italiana. Vol. I. Partenze*. Roma: Donzelli, 2002.

GOMES, Angela de Castro (org.). *Histórias de família: entre a Itália e o Brasil: depoimentos*. Niterói: Muiraquitã, 1999.

LOMNITZ, Larissa Adler. *Redes sociais, cultura e poder*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

MANGIAMELI, Rosario. *La Sicilia dalla prima guerra mondiale alla caduta Del fascismo*. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). *Storia della Sicilia. V.2 Dal Seicento a oggi*. Bari: Laterza, 2003.

MARTELLINI, Amoreno. *L'emigrazione transoceanica fra gli anni quaranta e sessanta*. In: BEVILACQUA, DE CLEMENTI e FRANZINA, Piero, Andreina e Emilio Org. *Storia dell'emigrazione italiana. Vol. I. Partenze*. Roma: Donzelli, 2002.

PISELLI, Fortunata. *Parentela ed Emigrazione*. Torino: Einaudi, 1981.

PROCHNOW, Lucas Neves. *Memórias, Narrativas e Histórias: a imigração espanhola recente em Porto Alegre*. Porto Alegre, 2009. Dissertação de Mestrado em História, PUCRS.

RAFFAELE, Giovanni. *Siciliani nel mondo*. In: BENIGNO, F. e GIARRIZZO, G. (a cura). *Storia della Sicilia. V.2 Dal Seicento a oggi*. Bari: Laterza, 2003.

RAMELLA, Franco. *Reti sociali, famiglie e strategie migratorie*. In: BEVILACQUA, DE CLEMENTI e FRANZINA, Piero, Andreina e Emilio Org. *Storia dell'emigrazione italiana. Vol. I. Partenze*. Roma: Donzelli, 2002.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.